

Metacorpos ou uma biofilosofia proposta por François Dagognet: a propósito dos estudos sobre corpo na Educação Física Brasileira

Metacorpus or a biophilosophy proposed by François Dagognet: on the subject of body studies in Brazilian Physical Education

Metacorpos o una biofilosofía propuesta por François Dagognet: a propósito de los estudios corporales en la Educación Física brasileña

Gisele Rosa Ribeiro¹
Nélío Borges Peres²

Resumo: François Dagognet, em sua obra “O Corpo” (2012) aborda concepções de corpo que influenciaram diretamente no modo de vida humano. A partir da percepção de um corpo apagado pela sociedade, o autor questiona a existência e o uso dos metacorpos no ocidente. Em um diálogo entre a Educação Física (brasileira) e a Filosofia, o corpo é um objeto investigado a partir da existência da dualidade corpo e mente presente na historiografia que analisamos de forma quanti-qualitativa que permitiu verificar que François Dagognet e sua percepção corporal não aparecem na Educação Física brasileira no período de 2017 a 2022 e mesmo assim apresentamos a obra como possível referência para a Educação Física.

Palavras-chave: Corpo Biofilosófico. Metacorpo. Educação Física.

Abstract: François Dagognet, in his work “The Body” (2012), addresses conceptions of the body that have directly influenced the human way of life. From the perception of a body erased by society, the author questions the existence and use of metacorpuses in the West. In a dialogue between (Brazilian) Physical Education and Philosophy, the body is an object investigated from the existence of the body and mind duality present in the historiography that we analyzed in a quantitative-qualitative way that allowed us to verify that François Dagognet and his body perception did not appear in Brazilian Physical Education in the period from 2017 to 2022 and even so we present the work as a possible reference for Physical Education.

Keywords: Biophilosophical Body. Metacorpus. Physical Education.

Resumen: François Dagognet, en su obra «El Cuerpo» (2012), aborda concepciones del cuerpo que han influido directamente en el modo de vida del ser humano. A partir de la percepción de un cuerpo borrado

¹ Professora de Natação em Goiânia, GO.

² Professor de Filosofia e História da Educação na Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Estadual de Goiás. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8411-0420>.

por la sociedad, el autor cuestiona la existencia y el uso de metacuerpos en Occidente. En un diálogo entre la Educación Física (brasileña) y la Filosofía, el cuerpo es un objeto investigado a partir de la existencia de la dualidad cuerpo y mente presente en la historiografía que analizamos de forma cuantitativa-cualitativa, lo que nos permitió comprobar que François Dagognet y su percepción corporal no aparecieron en la Educación Física brasileña en el período de 2017 a 2022, y aun así presentamos la obra como posible referencia para la Educación Física.

Palabras clave: Cuerpo Biofilosófico. Metacorporus. Educación Física.

1 INTRODUÇÃO

François Dagognet foi um médico psiquiatra e filósofo francês do século XX. Ele pensou e publicou reflexões críticas sobre o corpo a partir de concepções históricas pensadas por filósofos da antiguidade, mas também por cientistas, fisiologistas, antropólogos, médicos e sociólogos considerados como referências para o avanço médico e científico da sociedade ocidental. Na obra *O Corpo* (2012) afirma existir uma cultura ocidental que entende os corpos como instrumentos ou máquinas que podem ser abertas e modificadas artificialmente. São utensílios compostos por pequenas peças que o mantêm funcionando e que pode ser “aperfeiçoado” e utilizado de diversas maneiras. Para compreender a história das ideias que margearam a noção de corpo, seguimos a orientação de que o corpo é humano e vivido em sociedade.

O debate sobre o corpo também percorre os campos da Educação Física. Para investigar o movimento humano, a sociedade e/ou a história, o debate pode nos levar a uma discussão mais ampla sobre a vida humana, pois depende de como a sociedade compreende o corpo para saber como ele pode ser definido. Na historiografia sobre o corpo nos campos da Educação Física, Baptista (2019) informa que os corpos são produzidos e que existem fatores culturais responsáveis pela alteração biológica dos corpos, e desenvolve uma argumentação de caráter marxista sobre corpo e natureza. Para Baptista, a natureza pode ser entendida como orgânica e inorgânica: o orgânico é a matéria, o corpo, e o inorgânico é o inteligível, o pensamento que elaboramos, transmitimos e recebemos sobre o corpo. Tanto o corpo quanto o pensamento que temos sobre ele derivam de construções sociais sobre o que é o Homem e como ele vive ou deveria viver. O orgânico e o inorgânico são transformados mutuamente, por exemplo, no trabalho: a produção da vida material pode transformar o corpo em mercadoria. Observando a

ideia de que o corpo é parte da natureza, e que o modo de se compreendê-lo e vivê-lo se dá através da transformação dessa natureza, enxergamos que é possível apontar, com Dagognet (2012), que os estudos sobre o corpo podem nos trazer contribuições para o entendimento dos modos de usos dos corpos na sociedade e em particular na Educação Física.

O questionamento de Dagognet é o seguinte: quanto a sociedade deseja tornar este corpo útil e mais capaz do que a própria natureza conseguiria? Em um corpo podemos identificar a presença de seus limites físicos e cognitivos, seja por faixa etária, por seu desenvolvimento psicomotor ou mesmo pela exploração de suas capacidades. Em uma sociedade que determina que o sentido do corpo é ser sempre útil para tudo e todos, cria-se, então, as próteses, que são como os medicamentos, os produtos estéticos, as cirurgias plásticas, os instrumentos elaborados para dotá-lo de capacidades que vão além do que a natureza garantiria para aperfeiçoá-lo e diversos outros meios que buscam elevar as capacidades corporais para além da natureza humana e evitar a realidade corpórea considerada limitada. Dagognet percebeu a presença dos metacorpos na sociedade como tecnologias geradas para garantir adaptações construídas no e para o corpo, objetivando a elevação de suas capacidades e o tornando-o mais útil do que nunca.

Os metacorpos surgem a partir de uma dualidade que também pode ser identificada na Educação Física. Ao investigarmos a noção de corpo como objeto de estudo da área, identificamos os problemas epistemológicos que este assunto suscita. Na leitura sobre a construção dos debates a respeito dos usos dos corpos na sociedade realizamos uma pesquisa bibliográfica, na qual verificamos e analisamos em uma abordagem quanti-qualitativa como os corpos aparecem na obra de Dagognet e como os metacorpos podem ser enxergados na Educação Física num período que vai de 2017 a 2022. Analisamos os resultados e a possível importância de Dagognet (2012) e para a compreensão de um corpo biofilosófico.

2 PERCEPÇÃO CORPORAL DE DAGOGNET

François Dagognet foi o inventor do conceito de “agrobiologia”. Ele nasceu na cidade de Langres, na França em 1924 e formou-se em medicina na cidade de Estranburgo. Em 1949, depois de ter sido aluno de George Canguilhem, Dagognet agregou em sua formação a Filosofia e em 1958 se tornou doutor em Psiquiatria. Foi professor de Filosofia na Universidade Lion III e na Universidade Sorbonne, na França e se tornou diretor do Instituto de História da Ciência e

Tecnologia assim como Bachelard e Canguilhem (Britto, 2010). Dagognet desapareceu em 2015 na cidade de Avallon na França.

De acordo com Britto (2010), Dagognet construiu uma importante crítica contemporânea à tradição filosófica e sua preocupação foi resgatar aspectos da filosofia desprezados pelos grandes filósofos. Temas que foram deslocados para as margens ou beiradas dos assuntos selecionados como temas centrais, como a forma, o sensível, o corpo aparecem em suas obras de análise epistemológica sobre os estudos científicos, influenciando os estudos sobre a medicina contemporânea. Para Dagognet, “não há ciência que não se beneficie da iconicidade: a Física, a Cinemática, a Química, a Geologia ou, mesmo a Fisiologia” (Britto, 2010, p. 37).

Dagognet é considerado continuador da epistemologia de Gaston Bachelard, que propõe uma filosofia não cartesiana que permita realizar a descrição do funcionamento das ciências contemporâneas para “repensar os procedimentos que a objetividade científica exige” (Bento, 2010, p. 132). Para Bento (2010), ao discutir questões científicas, Bachelard utiliza a imaginação material, mergulhando no que está para lá do visível. Bachelard foi um filósofo que influenciou Michel Foucault, George Canguilhem e François Dagognet:

A epistemologia francesa, herdeira de Bachelard e de Canguilhem, deu origem a duas obras antagônicas. Elas têm uma mesma fonte, mas oferecem dois recursos para se pensar a modernidade: de um lado a obra internacionalmente conhecida de Michel Foucault e, de outro, a menos conhecida de François Dagognet (Britto, 2010, p.10).

De acordo com Britto, Dagognet afirma que sempre se propôs a trabalhar com reflexões a partir de pensadores da atualidade, como Bachelard e Canguilhem. Porém, sem apenas repetir suas ideias, buscando uma interpretação e visão própria dos conhecimentos, pois este é o papel de um filósofo.

Além de produzir diversos vídeos filosóficos, François Dagognet escreveu obras como: *Filosofia biológica* (1954), *A razão dos remédios* (1964), *Sobre as revoluções verdes: história e princípios da agronomia* (1998), *Por uma teoria geral das formas* (2002), *Uma epistemologia do espaço concreto: neo-geografia* (1977), *Filosofia da imagem* (1986), *As metáforas do corpo* (2004) e *O corpo* (2012).

Em sua obra *O Corpo* (2012), nos é informado que o autor estudou a geografia, a classificação botânica, a obra de Pasteur, a informática, a agronomia e a arte contemporânea para compreender, como médico psiquiatra e filósofo, uma linha de pesquisa na vertente da biologia e da medicina.

Ao estudarmos o corpo humano, supomos que é necessário considerar o corpo vivo. Logo, temos diversas formas de interpretá-lo e compreendê-lo como mistura de corpos de um ser humano que vive, que viveu ou deverá viver de alguma forma em algum lugar. Na obra *O Corpo*, Dagognet organiza e apresenta ideias e interpretações de filósofos, antropólogos, fisiologista e outros especialistas que nos levam a buscar na sociedade em que vivemos os sentidos do corpo na e para a Educação Física que praticamos. O livro usado aqui como fonte possui seis capítulos entre suas 166 páginas, citações, exemplos, interpretações e figuras que ajudam a ilustrar partes dos assuntos abordados. O texto começa com uma apresentação biofilosófica a respeito do que é corpo, resgata a imagem de um corpo vivido, social e objetivo ou mesmo o *corpo em si*, o *corpo para si* e o *corpo para o outro*, buscando mostrar a percepção de uma filosofia que ignorou e excluiu o corpo ao mesmo tempo que o teve como centro (Dagognet, 2012, p. 4).

O autor parte do tempo presente, onde os metacorpos aparecem como “novidades” e polêmicas a serem conhecidas, para ouvir as vozes de autores clássicos que informam a cultura ocidental. Inicialmente o nosso autor traz as primeiras teorias do corpo pensadas por filósofos da antiguidade: Platão (428 a.C. - 348a.C.), Aristóteles (384a.C. - 322a.C.) e Lucrecio (99a.C. - 55a.C.). Considerando o tempo de vida de cada filósofo citado, percebemos que estas teorias são pensadas em momentos diferentes na antiguidade e na Idade Média, o que nos permite analisar a influência que cada filósofo foi para o outro até a modernidade. Por exemplo, Platão traz uma teoria do corpo partindo de uma visão dualista que está presente na vida e no cotidiano atual. Ao abordarem o corpo, os filósofos antigos não deixaram de considerar a consciência ou alma como partes daquilo que chamamos de natureza inorgânica. As ideias de Platão, tal como apresentadas por Dagognet (2012), mostram o corpo como produto de uma visão dualista, que influenciou os estudos da Teologia medieval. Platão desenvolveu uma filosofia onde o corpo seria interpretado como inimigo a ser combatido e desvalorizado, pois é o orgânico que tem sentimentos, prazeres, sensações, e é totalmente indomável por seus desejos. Para que o corpo não caia nessa perspectiva que o considera fonte de perdição, ele necessita da alma. Mas aí, durante a relação dualista corpo e alma, o corpo poderia escravizá-la, para que não o deixe se perder em seus prazeres, e sim, o ajude a pensar e utilizar o conhecimento, para alcançar o verdadeiro saber e poder sair de suas ilusões. Platão considerava que isso seria uma tarefa difícil para a alma, quase impossível, e com isso justificaria a separação entre a alma e o corpo. É preciso “aprender a morrer”, excluir tudo que é inorgânico, pois, só assim o homem poderia

estar totalmente livre para pensar, e ter uma alma pura, sem um corpo para degradá-la ou interrompê-la:

Platão enaltece, pois, “*aquele que afasta do sensível, que se priva, tanto dos olhos, quanto dos ouvidos para alcançar o verdadeiro*” (tema conhecido: filosofar ou pensar consiste em aprender a morrer, isto é, separar-se do envoltório corporal que nos perturba e nos perde) (Dagognet, 2012, p. 10).

Seria impossível excluir o corpo sem excluir a alma, e Platão teria percebido a necessidade de exercitar a alma para não enfraquecer as ideias e, assim, poder moldar o corpo, regrá-lo, para que não venha arruinar a alma. E isso deve se dar de forma contínua e equilibrada, exercitando o orgânico e o inorgânico juntamente. A teoria de Platão tem influência dentro da Teologia. Sobre isto, Costa (2014), apresenta as ideias de Santo Agostinho, que foi um teólogo de grande influência no desenvolvimento do Cristianismo e pode ser considerado um continuador de Platão durante a Idade Média. Pensando com ideias imputadas a Platão, seu platonismo sugere a necessidade de regras e de limites nas relações entre indivíduos no plano do cotidiano, nos afazeres, as quais podem ser explicadas a partir da ideia de excluir o corpo ou pelo menos excluir os desejos das funções da mente.

Por outro lado, Aristóteles, de acordo com Dagognet (2012), tem uma linha de raciocínio lógico, que acredita no que se vê (a realidade é o que aparece), inclusive, o filósofo grego chegou a realizar experimentos, porém ainda permanece fixado na ideia de observar o orgânico e o inorgânico através da aparência e não somente com experimentos. Diferente de Platão, Aristóteles considera o psicofisiológico, a união entre o orgânico e o inorgânico, e afirma que somente com essa união que existe o ser humano, e que o corpo e a alma podem ser compreendidos separadamente assim como dois opostos que se atraem, mas não funcionam separados, e servem um para o outro, trabalhando em conjunto tornando-se uma constante harmonia ao funcionar (Dagognet, 2012). Podemos observar isso, por exemplo, na comunicação, o ato de falar, a voz e o timbre, vem do nosso corpo, do orgânico, mas o que falamos, para o que falamos, a necessidade de se comunicar, através da fala, é uma ação do inorgânico. Logo, para que possamos realizar uma ação humana, como a comunicação, necessitamos dessa harmonia funcional entre o orgânico com o inorgânico. Aristóteles percebeu que o orgânico e o inorgânico tem funções diferentes, estruturas e organizações diferentes, de forma que não se tornem uma desorganização, para que tenha a possibilidade desse conjunto e dessa harmonia em que um sempre envolve o outro. A partir de Aristóteles talvez seja possível aprofundar a ideia de equilíbrio. Assim como Platão coloca a necessidade de exercitar a alma

junto com o corpo, Aristóteles não nos leva a pensar muito diferente, porém, nos leva a perceber as necessidades dos sentidos do corpo.

Diferenciando-se das teorias já abordadas, o filósofo Lucrécio apresenta a concepção de corpo com um ideal materialista, considerando o aspecto psicológico como parte do conjunto: “tudo é apenas corpo”, e compreende que tudo é orgânico, até mesmo o que antes era considerados por Platão e Aristóteles como inorgânico será concebido pelo filósofo romano como orgânico. Logo, as ações existentes no corpo seriam explicadas pela própria física do corpo, como o ato de comer, que pode ser algo prazeroso, mas não deixa de ser uma necessidade fisiológica a partir do momento que nosso corpo necessita de nutrientes para que os órgãos continuem funcionando. O corpo reage com desejos, reage no psicológico e nos órgãos, para que aqueles nutrientes sejam repostos imediatamente. O corpo assume todas as funções, até mesmo a de pensar e, a alma, sem suas funções, deixaria de existir. Para Dagognet (2012), o corpo ainda será visto como um invólucro que abriga e recebe qualquer conteúdo externo que pode modificá-lo, e a alma ainda será vista como um *animus* que é considerada por Lucrécio como inorgânica, como um efeito externo ao corpo. Com isso, a alma é vista como um sentido externo que dará um efeito ao corpo, mas este efeito não pode ser observado, assim como as medidas do corpo, mas poderá ser sentido por todo o corpo, como se tivesse espalhado por todo o seu organismo. Ao experienciar elementos externos, como a alma, o corpo terá uma reação/efeito a favor dele e para ele, que será animado pelas sensações, as quais nos levam às várias percepções ao nosso redor, utilizando de nossos sentidos corporais vistos como forma de alertar e comunicar ao corpo sobre os seus riscos, sobre o que não nos deveria ser considerado normais por nosso corpo em determinado ambiente, até mesmo as vibrações serão sentidas. Portanto, partindo de Lucrécio, pode-se dizer que o corpo trabalha a favor de si mesmo.

Dagognet (2012) coloca o corpo como o centro, percebendo também a ideia de um corpo útil. A partir da visão apresentada dos filósofos da antiguidade, podemos considerar que um corpo útil é aquele capaz de raciocinar, não desfocar sua atenção, ser produtivo, dedicado e disciplinado. Com os questionamentos realizados pelos filósofos, o corpo útil se realiza a partir de uma realidade dualista, a qual é vista primeiramente nas ideias de Platão, para quem o conflito entre corpo e alma, orgânico e inorgânico é evidente. Lembremos que na Idade Média os símbolos eram de grande importância. Neste sentido, será a partir desta concepção que os corpos serão apresentados, representando os valores da antiguidade. Dagognet, por sua vez, irá apresentar o que Platão chamava de Tripartição Biomórfica, que define algumas representações do corpo:

Metacorpos ou uma biofilosofia proposta por François Dagognet: a propósito dos estudos sobre corpo na Educação Física Brasileira

Gisele Rosa Ribeiro; Nélío Borges Peres

O corpo paradigmático resulta, de fato, da superposição de três esferas de volumes desiguais (*decrecendo de baixo para cima*) e solidamente escalonados: primeiro, a parte inferior, o abdome ou ventre (*área da digestão e da reprodução*); em seguida, o tórax ou o peito (*que aloja o coração e, portanto, as paixões ou a emotividade*) e, por fim, a cabeça (*o centro da reflexão e das decisões*) (Dagognet, 2012, p. 15).

Ao mostrar as ideias de Descartes (1596-1650), imaginando que este tenha como ponto de partida as repartições platônicas do corpo tais como descritas acima, Dagognet enxergou a criação do pensamento cartesiano acerca do corpo tal como a forma de pensar as repartições de uma máquina. Observando o relógio, Descartes pôde perceber o que compunha essa máquina, que era justamente as partes, as peças, cada uma com sua função, onde cada uma necessitava da outra para funcionar, e elaborou um pensamento que se assemelha com o de Aristóteles ao pensar o corpo. Descartes pensou o corpo-máquina, composto por diversas repartições e peças necessárias umas para as outras, para o manter o organismo funcionando:

Descartes expõe, aí, o ponto de vista de um “corpo subjetivo”, inseparável do eu, superposto ao “corpo objetivo” que depende de outra perspectiva (é, essencialmente, a do “corpo de outrem” visto de fora e tal como o entendimento pode concebê-lo ou, ainda, a da ciência anatômica, então em pleno desenvolvimento graças a Fabrício de Aquapendente, Vesálio, Bauhin, Falópio etc.) (Dagognet, 2012, p. 47).

Abrindo o caminho para a “pluralidade dos corpos” aparecem outros filósofos e sociólogos que começam a pensar o corpo a partir do corpo-máquina e suas repartições, mas trazendo novas interpretações. Dagognet irá fazer com que esses filósofos dialoguem em sua obra, passando por Malebranche (1638-1715) e o corpo como envelope (o corpo que sempre terá algo a revelar, pois, em suas pequenas partes há uma imensidão); Diderot (1713-1784) e o corpo como cavalo-de-troia (um corpo que em seu interior tem outros corpos que o movimentam e o faz ter sensações) e Bordeu (1722-1776) e o corpo como colmeia-de-abelhas (o corpo que apresenta em suas menores partes ações específicas e que se completam). Essas teorias do corpo rodearam a ideia do corpo vivo composto por diversos outros corpos, elementos e partes a serem descobertas, o que posteriormente contribuiu para os estudos na área da anatomia, fisiologia e biologia. Os fisiologistas Spallanzani (1729-1799), Haller (1708-1777) e o cientista Réaumur (1683-1757) juntamente com Bordeu, desenvolvem esses estudos conseguindo ampliar a compreensão das partes que compõem o corpo vivo, os órgãos, os músculos, as fibras, os nervos, trazendo uma grande contribuição para a medicina.

Dagognet concordou que os médicos antigos compreendiam o corpo como físico e social, o que acaba se desconectando da ideia central do corpo-máquina de Descartes. Observando os estudos dos cientistas, o autor afirma ser impossível separar o corpo da sociedade onde ele vive: “É mais difícil atingir o corpo do que imaginamos. Antecedentes culturais continuam pesando sobre nossas representações” (Dagognet, 2012, p. 63). Bichat (1771-1802), um fisiologista, realizou alguns estudos no corpo a partir de um método já utilizado por Platão e Aristóteles, que é o “exame externo”. Esse exame consiste em observar a aparência, a forma que possibilita observar as partes do corpo e o como ele se relaciona com seu exterior. Isto levou o fisiologista a entender a conexão do corpo com seu exterior a partir da visão, audição e olfato. O corpo recebe esses estímulos e responde a partir deles através dos modos que comemos, respiramos, falamos e andamos. Segundo o autor, muitos filósofos valorizam a ideia do “corpo objetivo” que, segundo Bichat, é o corpo vivenciado para si, que além de se adaptar ao meio ambiente, faz com que o meio se adapte a ele, como os enxertos (transplantes de órgãos) e próteses. Compreendendo o conceito de corpo objetivo, o autor afirma também a possibilidade da existência de multicorpos objetivos presentes no ser humano.

O corpo objetivo, ainda que não ignoremos seus limites, (ele é apenas o corpo visto, e visto pelo olhar de outrem, mantido a distância, relegado a uma pura exterioridade que o nega), não merece nem a negação nem o descrédito (Dagognet, 2012, p. 95).

O corpo está em grande conexão com o seu externo, de acordo com o que Dagognet (2012) nos apresentou até o momento. No quarto capítulo de seu livro será apresentado o corpo libidinal e, ao citar Freud (1856-1939), Dagognet relembra a teoria psicanalítica a qual mostra a forma como o ser humano evolui considerando seu consciente e seu inconsciente. A consciência está ligada, desde o início, às percepções, tanto as do mundo exterior (*exógenas*) como as do interior do corpo, as sensações e sentimentos (*endógenas*). Dagognet apontou que Freud pensava que o corpo tem sentimentos sobre suas experiências e vivências com o exterior, que os sentimentos são acidentais, acarretando também atos acidentais. Um exemplo dado na obra é o de “roer as unhas”, que é um ato que expressa um sentimento de uma pessoa diante uma determinada situação que ela está vivenciando. Assim, o autor percebe que o corpo se expressa a partir do seu contato com o exterior. Esse entendimento possibilita compreender o que Nietzsche (1844-1900) dirá sobre os “corpos mudos falarem”, o que se dá através da expressão corporal, onde as expressões podem se realizar tanto por gestos quanto por linguagens. Nesse sentido, o autor aponta aquilo que Hegel (1770-1831) entende por “tradução

corporal”, que significa traduzir o que o corpo sente através das expressões e linguagens. Logo, o corpo está conectado com o seu exterior, de forma que responde os estímulos recebidos por eles, possibilitando uma comunicação de forma não verbal. Com isso, Dagognet pensará a existência de um “expresso velado”, aquele que oculta e exhibe ao mesmo tempo. Não muito diferente, Williams (2018), afirma que mantemos a aparência devido a uma pressão social, mas que é falha, o que nos leva a frequentar espaços onde podemos nos expressar, como teatros. Expressamos nossos sentimentos através das linguagens e ao mesmo tempo os ocultamos. Em nossa cultura ocidental velamos as formas de se expressar, pois, algumas expressões são consideradas nojentas ou impróprias. Quando a expressão corporal é velada o corpo se afasta dele mesmo, logo, o expresso velado é uma forma de excluir parte do corpo humano vivo.

O autor aponta que a história cultural nasceu do combate que o cristianismo travou contra o corpo, um combate pela carne, pela fonte de pecado e pela perversidade. Assim o “excluir o corpo” se encontra presente na cultura como atitude normal. Williams afirma que não há escapatória. Interpretamos isto como um “beco sem saída” que levou Dagognet a perceber, com Marcuse (1898 – 1979) a forma como o expresso velado está presente no inconsciente: “As vítimas do corpo excluído, trabalham elas mesmas para o seu esmagamento” (Dagognet, 2012, p.124). Dagognet dirá que não só o aspecto libidinal, mas também o cultural e o social envolvem o corpo, refletem no eu, e nas próprias representações presentes no ato de olhar para si como um olhar para a sociedade e para a cultura. O corpo visto pelo outro influencia no vivido, ou seja, não podemos deixar de considerar as culturas, os lugares e a história. De acordo com a história, a ideia de corpo veio ampliando suas capacidades, passando do homem ferramenta, para o homem máquina e daí para o homem tecnologia até chegar no corpo pós-humano. Dagognet se pergunta se as “tecnologias de apertar o botão” substituem ou eliminam as práticas corporais ou se o ato de apertar o botão se torna uma prática corporal diferente das anteriores. Para responder essa pergunta, o autor cita o “corpo argila”, pensado por Marcel Mauss (1872-1950), um corpo possível de ser moldado através das técnicas corporais, que são os gestos, as formas de dormir, correr, andar, lutar, agachar etc. Portanto, o recurso técnico do homem é o seu próprio corpo, que se encontra em uma sociedade que o modela com suas finalidades, impondo-o normas de como agir, dando-lhe ferramentas para que ele se ajuste, cobrindo-lhe de signos, reduzindo-lhe as dimensões, tratando-o e disciplinando-o: “Todo corpo tende a se espalhar; as regras de boa educação o obrigam a se conter” (dagognet, 2012, p. 150).

Por fim, o autor escreve um último capítulo com a sua conclusão. Após considerar a influência das primeiras teorias do corpo determinadas por filósofos da antiguidade, a influência do cristianismo na cultura ocidental, a ciência e a educação, as culturas e a sociedade, a fisiologia e a psicologia, Dagognet diz que a cultura diminui o corpo, para que ele seja moldado. De acordo com o autor, quando o corpo é diminuído se abre, portanto, um espaço para os metacorpos. Um metacorpo é um corpo dos records, é o corpo das superações, um corpo para além dos limites naturais (orgânicos), o corpo do esporte, da ciência, da cultura que sonha em viajar para Marte e colonizar a Lua, o corpo que se ultrapassa e aumenta. Um exemplo acerca dos metacorpos são as próteses, os enxertos, e a superação do sensitivo-motor para que possa tornar o corpo útil e o manter funcionando e prestativo. O autor aponta que há um controle e uma quase exclusão do corpo, um corpo que se tornou totalmente controlável pelo inteligível, em que o homem cria a máquina ou o instrumento que o substituirá e ultrapassará as capacidades limitadas do corpo, levando a exclusão dele próprio. “No total, glorificamos o corpo múltiplo, mas desejamos limitar-lhe, também, as prerrogativas (ao contrário de uma indústria do sonho e dos fantasmas)” (Dagognet, 2012, p.166).

3 OS METACORPOS NA SOCIEDADE

Os valores da antiguidade permaneceram em nossa cultura ocidental afirmando a continuidade que o cristianismo deu para as concepções de corpo trazidas desde Platão. Na obra *Paidéia*, Werner Jaeger discute a formação do homem grego e diz que “A cultura antiga, que a religião cristã assimilou e à qual se uniu para entrar, fundida com ela, na Idade Média, era uma cultura inteiramente baseada no pensamento platônico” (Jaeger, 1986, p. 581). Na Idade Média, o platonismo foi influente para o cristianismo, que levou em consideração que punir o corpo era uma forma de exercitar e priorizar a alma, podendo estar mais próximo de Deus. Um modo de manter e repassar essa ideologia na sociedade se deu através da educação cristã. Jaeger (1986), afirma que em seu desenvolvimento a educação cristã teve como ponto de partida o neoplatonismo reforçado por Santo Agostinho:

Como, porém, as ramificações platônicas da escolástica medieval tinham partido do neoplatonismo cristão de Santo Agostinho e das obras do teólogo místico conhecido sob o pseudônimo de Dionísio Areopagita, a compreensão do Platão redescoberto no

Metacorpos ou uma biofilosofia proposta por François Dagognet: a propósito dos estudos sobre corpo na Educação Física Brasileira

Gisele Rosa Ribeiro; Nélío Borges Peres

Renascimento continuou provisoriamente vinculada à viva tradição escolar cristã e neoplatônica, transplantada de Constantinopla para a Itália juntamente com os manuscritos do filósofo grego, pela época da conquista aquela capital pelos Turcos (Jaeger, 1986, p.582).

Na área especializada da História, Le Goff e Troung (2006) dizem que a disciplina História ignorou o corpo como uma definição cultural e valorizou mais seus aspectos naturais. Evoca-se novamente a dualidade corpo e mente (alma) que passa a aderir novas divisões da totalidade do corpo. Podemos analisar em diversas épocas e localidades (principalmente no ocidente) a presença do platonismo diante do cristianismo ao abordar a definição de corpo e o modo de vivê-lo.

A chegada dos portugueses ao Brasil pode ter sido um choque evidente entre duas culturas verificável na *Carta Descobrimento*, de Pero Vaz de Caminha. Caminha foi um escrivão português que deixou não apenas o seu relato, mas também suas impressões e sentimentos por escrito para o Rei Dom Manuel em 1500. Foi possível identificar através das palavras deixadas pelo escrivão o olhar que o português teve sobre a cultura corporal indígena brasileira:

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metido neles seus ossos brancos e verdadeiros, de comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como um furador (Ministério da Cultura, 2015).

Os corpos nus e marcados pela cultura indígena eram vistos pelo português (senão por todos os cristãos) como corpos que necessitavam se cobrir e possuir a vergonha de estarem expostos e marcados. Isto nos leva a compreender o motivo da educação cristã ser vista pelos portugueses como “necessária” para ser aplicada para os povos indígenas. Na historiografia da educação brasileira, Saviani (2007) entende que a educação e a catequese implementadas no país tinham um caráter pedagógico, que seu objetivo era a aculturação e instalação de uma dominação cultural dos povos indígenas aqui encontrados. Essa é uma ideia que reforça mais uma vez no Brasil (senão em todo o ocidente) o olhar platônico para o corpo que Dagognet chamará de “expresso velado”, o corpo como centro de tudo, e ao mesmo tempo excluído em suas partes, banido de sentir e de se expressar, um corpo moldado e velado por sua cultura e por ele mesmo.

O corpo pensado por Platão denota que o orgânico, o sentir e o prazer tornam o Ser inútil, podendo prejudicar a si mesmo e a sua alma. O corpo deve ser moldado através da alma, ambos devem ser exercitados para que o corpo não prejudique o inteligível e o raciocinável, para servir corretamente. Percebemos, então, a presença do corpo como instrumento que serve não apenas para si, mas também para a sociedade. Le Goff e Troung (2006) dizem-nos que as técnicas corporais correspondem aos “modos de usar os corpos” de acordo com a sociedade, o local, a época e a cultura. O modo de andar, correr, dançar, falar e comer são técnicas que mudaram no decorrer dos anos e gerações devido ao clima, o local e as necessidades do corpo. O corpo se torna um instrumento para o homem e por isso ele deve ser útil não apenas para si mesmo, mas também para o outro. As técnicas do corpo se tornam um caminho essencial para se estudar o “homem total” porque estão presentes no decorrer da história humana se modificando com um único objetivo de ser útil à sociedade.

O ser útil se encontra em seu aspecto mais dualista, talvez isso o torne desumano em determinadas situações. Buscando apresentar o que muitos autores e pesquisadores abandonaram, Dagognet (2012) traz a ideia de um corpo biofilosófico, no qual seus aspectos biológicos determinam e são determinados por uma filosofia. Na obra *Metáforas do Corpo*, produzida por um coletivo de autores (com a participação de Dagognet), Salomon (2004) cita que Nietzsche compreende que a consciência é apenas reflexo do corpo, tudo que é orgânico faz parte do pensar e do sentir, pensamos o corpo e com o corpo, a filosofia é vivida pelo próprio corpo do filósofo. E para compreendermos melhor o corpo biofilosófico, podemos citar Williams (2018), que trará em sua obra *Anatomias* o corpo determinado tanto pela medicina quanto pela cultura.

Williams (2018) aponta que para compreender o que é corpo humano em sua totalidade é necessário rever todo o início dessa descoberta, começando por alguns filósofos e médicos que dissecavam corpos, trazendo avanços para o estudo do corpo através do que viam nos cadáveres, as imagens que representavam a particularidade daquele ser. Com isso é possível estudar o eu, a história e a filosofia do ser através de cada parte do corpo de um indivíduo determinado pois, “As partes do corpo fornecem grande quantidade de novas imagens e metáforas” (Williams, 2018, p. 72). Porém, o autor afirma que o estudo das partes se fez necessário para compreendermos as particularidades, mas não significa que o corpo humano se reduz às partes, pois, ele é o todo, e as partes separadas deixam de funcionar, com isso não devemos valorizar apenas um aspecto. E isso é nítido em sua obra, pois o autor se aprofunda não somente nos aspectos biológicos ao falar dos órgãos e membros humanos, mas também o

que cada parte do corpo influencia em seu todo, ou seja, para o seu funcionamento como ser humano que possui necessidades biológicas e culturais.

De acordo com Williams (2018), a busca pelo não envelhecimento e pela vida eterna é lutar contra a *filosofia da biologia*. Isso nos sugere o quanto a sociedade não compreende o corpo como biofilosófico. Dagognet (2012) aponta que atualmente os corpos são ensinados através de sua cultura a trabalhar para o seu próprio “esmagamento”. Talvez aqui pudéssemos afirmar que os corpos são ensinados, não só na educação oficial, mas também nas relações familiares e sociais a serem “evoluídos” e “modernos”, e que o corpo jovem, higienista e sem deficiências é valorizado e o corpo que envelhece demonstra seus fatores naturais e deficiências, a sua forma tende a ser desvalorizada, o que posteriormente pode vir a ser valorizado pelos usos dos metacorpos (remédios, produtos estéticos, próteses, enxertos etc.). O corpo é exaltado por um lado e reprimido por outro, afinal, para nos tornarmos úteis para a sociedade (capitalista) precisamos nos desprender do corpo que somos ou mesmo excluir seus fatores que o faz ser corpo.

Achamos que gostamos da ideia de sermos capazes de tudo, mas na realidade preferimos não testar nossa capacidade de suportar a dor ou sequer fazemos muito uso de nossos sentidos do olfato e do tato, por exemplo. (Williams, 2018, p. 23).

Na área específica da Educação, Baptista e Resende (2009) nos mostrará que, ao considerarmos que vivemos em uma sociedade capitalista, podemos identificar de que forma o corpo será útil em nossa sociedade. De acordo com os autores, “a indústria cultural é fundamental por ser ela um mediador essencial na relação entre a produção e a reprodução da sociedade”, sendo que o corpo se torna o instrumento principal para manter o modo de produção capitalista, e logo o olhar para si e para o outro se transformará e passará a ser visto como mercadoria, objeto a ser vendido (Baptista; Resende, p. 12, 2009).

Primeiro, trabalhando ao máximo. Segundo, consumindo inclusive o modelo de corpo na produção e no tempo livre, pois, consumir o modelo de corpo significa investir nele, em sua “saúde”, em sua capacidade produtiva e em sua “beleza”, para que ele tenha a condição de ser sempre desejado (Baptista; Resende, 2009, p. 17).

Não devemos desconsiderar o fato de que em um corpo vivo temos a presença de um ser que pensa, sente e se expressa a partir de suas vivências, com isso, quando o corpo passa a ser visto como objeto, ele poderá também se tornar descartável no momento em que expressar seus primeiros traços de declínio de vitalidade. Logo será substituído por um novo corpo (os

metacorpos) dentro do modelo desejado pela cultura. Dagognet (2012) dirá que ao vermos a necessidade de um corpo útil percebemos a necessidade de velar parte do nosso corpo, porém isto traz a possibilidade de substituir a parte velada pelos metacorpos. Logo, o corpo será substituído pelo que lhe torna útil em nossa sociedade:

Por outro lado, a farmacologia oferece vários tratamentos, quer para emagrecer, quer para intensificar nossos desempenhos. Consegue reduzir o crescimento (da cintura) ou, ao contrário, aumentá-lo. Regula a duração do nosso sono, adaptando-o às nossas necessidades, e intervém na maioria das funções. O mundo moderno chega ao ponto de participar de um mercado no qual os corpos são trocados ou vendidos. Se ninguém ignora ou contesta o respeito devido ao caráter intocável e pessoal do nosso corpo, não poderíamos impedir, por esses mesmos motivos, que ele fosse embelezado ou reavivado. A sociedade contemporânea protege o corpo, mas o explora também (a partir dos espetáculos de esportes e sua profissionalização). Então, onde está a fronteira? (Dagognet, 2012, p. 6).

Williams (2018) afirma que a tecnologia é como uma extensão do homem e que o transforma, e aponta que muitos adotam a ideia de transcender ou transformar o corpo, mas sem questionar o consumismo. A ideia de corpo se torna mercadoria que pode ser escolhida, comprada, vendida ou substituída por outra ideia consumida em sequência. Tudo isso é fruto de um desconforto e insatisfação existente com o próprio corpo, daí a ciência mantém o foco nas menores partes biológicas. Isso é uma ideia de que o corpo é inconveniente, e nos afasta de uma compreensão conjunta de corpo e mente. O sonho de escapar do corpo não é um sonho de estender a vida humana e sim de negar a verdadeira natureza (Williams, 2018).

Os possíveis metacorpos aqui citados são formas de excluir uma parte do corpo que sente, que envelhece, adocece, que perde boa parte de suas capacidades e que demonstram suas limitações, o que o torna total (o corpo biofilosófico). Porém, devemos ter cautela ao analisar o que realmente Dagognet (2012) busca criticar ao trazer a percepção da existência de metacorpos na sociedade. O próprio autor apontará em sua obra que os metacorpos partem, primeiramente, do desenvolvimento médico e científico, e que estes possibilitaram expectativas de vidas mais longas. Ora, isto se deu através dos estudos e pesquisas oriundas da farmacologia, psicologia, fisiologia, entre outros, tais como aqueles que versam sobre os benefícios do exercício físico para a prevenção de doenças, dos benefícios provenientes de tratamentos medicamentosos para a cura de doenças que levam à morte precoce, da qualidade de vida que pode proporcionar as próteses para deficientes físicos, das cirurgias, etc. Com isso, compreendemos que o autor propõe uma crítica não apenas sobre a existência de um metacorporo mas, e sobretudo, do modo como este é utilizado, o quanto ele é utilizado para favorecer o indivíduo e sua qualidade de

vida; mas também do quanto ele é apresentado como forma de excluir e apagar o corpo para a “fabricação” de um corpo útil e que logo será considerado descartável, desconsiderando a existência do próprio indivíduo. Partindo do ponto de vista que Dagognet (2012) busca criticar, poderemos também posteriormente analisar como os metacorpos estão sendo utilizados na área especializada da Educação Física.

4 OS METACORPOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

A partir da obra de Carmen Lúcia Soares (1994) podemos observar que a Educação Física surgirá em consequência de diversos fatores, o primeiro deles é a Revolução Industrial, uma época marcada pela exploração do trabalhador, quando os operários passavam muito tempo sem se locomover ou realizando movimentos repetitivos por um período longo de tempo. Para Soares, a burguesia começou a ver o corpo humano como instrumento essencial para a produção capitalista porque os corpos adoeciam e a debilidade física que surgia entre os operários fazia com que os mesmos deixassem de ser úteis e começavam a dar prejuízos para os industriais. Com o desenvolvimento dos estudos do corpo biológico no meio científico, a medicina passa a se tornar uma grande aliada para que a burguesia definisse o exercício físico como essencial na educação dos operários. A medicina chegou à conclusão de que por meio dos exercícios físicos seria possível repassar valores morais, cívicos e higiênicos para a população, de forma a promover “saúde”, enquanto o objetivo central era produzir corpos úteis, disciplinados e dóceis. Dessa forma, a Educação Física surge com o objetivo de adaptar os corpos ao mercado de trabalho, moldando-os através da saúde, disciplina, civismo e higienismo:

Dentro deste quadro político, social e económico é elaborada mais uma forma de intervenção na realidade social, a qual operará tanto no âmbito corporal dos indivíduos isoladamente, quanto no âmbito do “*corpo social*”, quando tornada hábito. Estamos nos referindo à Educação Física, que, já no século XIX, chega aos foros científicos com seu conteúdo médico-higiênico e com sua forma disciplinar voltada ao “*corpo biológico*” (individual) para, a partir dele, moralizar a sociedade, além de “*melhorar e regenerar*” a raça. (Soares, 1994, p. 32).

Além disso, se pensavam não apenas nos corpos dos operários, mas também dos militares do exército, com o objetivo de desenvolver mais pessoas capacitadas para os serviços das tropas. Daolio (1994) também afirma que a Educação Física está relacionada com a

educação corporal e busca modelar atitudes e comportamentos, tornando o ser humano útil para a sociedade através de exercícios, explorando um “potencial natural do indivíduo”. Para Daolio (1994), a Educação Física brasileira foi totalmente influenciada pelas Forças Armadas e pela Medicina Higienista durante o século XIX, que posteriormente implicou em suas características pedagógicas e metodológicas no âmbito escolar no século XX. As mudanças só começaram a aparecer em meados da década de 1980, quando o país passou por transformações políticas, levando à discussão de uma redefinição dos objetivos, métodos e conteúdos da Educação Física escolar. Com isso, podemos observar que:

É dessa forma que a história da Educação Física no Brasil nos dá bases para entender como os professores atuais reproduzem, no seu cotidiano, ideais e valores passados, como a higiene e a eugenia do final do século XIX, ou o militarismo racionalista do Estado Novo, ou o modelo esportivo característico do recente governo militar. Porém, ao reproduzirem esses ideais passados, eles atualizam, na sua experiência presente, esses valores, atribuindo-lhes novos significados (Daolio, 1994, p. 91).

Ao preparar o corpo para um “bom cidadão” há uma transformação do “corpo natural em corpo eficiente” isso nos remete à ideia de como a Educação Física faz uso dos corpos (Daolio, 1994). Um corpo eficiente é aquele que adquire uma perfeição técnica em duplo sentido, ou seja, tanto em seu aspecto mecânico quanto social, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade. Talvez isso nos traga a explicação da existência de uma dualidade para a definição do que é corpo como objeto de pesquisa da Educação Física.

Indo além do como a Educação Física (doravante EF) faz uso dos corpos, buscaremos entender o que é o corpo como seu objeto de pesquisa, e para isso selecionamos um artigo que possui e faz uso de grandes referências para nos trazer essa compreensão. De acordo com Zoboli *et al* (2013), a EF se constitui de vários outros meios científicos. Ou seja, ela não é uma ciência, mas existe a partir da “Ciência Mãe”, o que implica na necessidade de uma problemática teórica para que ela tenha uma base e a discuta como seu objeto de estudo. Portanto, ela é pensada a partir da cultura corporal de movimento que, por sua vez, nos permite trazer a seguinte noção de corpo:

Corpo que tem história, que tem uma estrutura biológica, psíquica; um corpo que exerce e sofre poder natural e político; é atravessado por implicações de cunho moral e ético, um corpo econômico e abrigado no interior de uma classe enquanto instrumento de sobrevivência; um corpo que se movimenta em meio a essa complexidade de multiplicidades, pois, sem movimento não há vida (Zoboli *et al*, 2013, p. 3).

A EF tem como referência diversas áreas científicas, mas buscando um enfoque no corpo e movimento humano, o que afinal acaba por “revelar verdades invisíveis para as ciências mais gerais presas aos seus paradigmas habituais” (Bracht, 2007 *apud* Zoboli *et al*, 2013, p. 3). Porém, esse fato leva os autores a estarem mais distantes da ideia do que é corpo para a Educação Física, pois várias ciências permitem diversas definições diferentes. Consideramos duas concepções de corpo mais utilizadas nas pesquisas da EF que são pontos de partidas para as variadas definições de corpo. A primeira concepção é a de corpo como *Korper*: o corpo objeto e mecânico, que é pautado a partir de um cadáver que promove o estudo médico; e a segunda é o corpo como *Leib*: o corpo vivente, que possui significados, sentidos, cultura, expressão (Zoboli *et al*, 2013). Pensando nisto, identificamos nas pesquisas da área da EF brasileira inúmeras definições de corpo. Muitas destacaram o corpo como *Korper*, porém, houve um aumento nas pesquisas que abordam o corpo a partir de uma definição de *Leib*. O que permite compreender a existência de um dualismo na definição de corpo como objeto de estudo da EF brasileira. Uma dificuldade evidente do diálogo epistemológico entre os pesquisadores no decorrer da história, dando consequência também para uma “crise de definição identitária agora permeada sob os signos da licenciatura e do bacharelado” (Zoboli *et al*, 2013, p. 6). Esse dualismo permeia duas vertentes que não dialogam na área: fisiologia e filosofia:

Se tem fisiologia na grade curricular, então é bacharelado; se tem filosofia, então é licenciatura. E assim a Educação Física fica novamente presa a seu pragmatismo monodisciplinar e consegue mais uma vez retroceder (Zoboli *et al*, 2013, p. 6).

É difícil alcançar uma definição concreta de corpo pois ela é dada a partir de uma multiplicidade científica e cultural, mas não se reduz apenas a isso, sua definição se expande ainda mais, o corpo só pode ser compreendido por vários vieses, os quais necessitam dialogar entre si e a EF deve buscar a elaboração do conceito de corpo pela interdisciplinaridade, para além da divisão entre *Korper* e *Leib* (Zoboli *et al*, 2013).

O dualismo existente na EF e na definição de seu objeto de pesquisa implica também em saber como os professores atuam na área. Para Cláudio Barbosa (2005) os professores de EF carecem da consideração do corpo em sua totalidade, porque a EF se encontra em uma caverna platônica e são muitos os professores que tendem a ignorar as consequências que os estereótipos da EF trouxeram para o ambiente escolar: “Infelizmente, é triste constatar que poucos são os profissionais de educação física que conseguem ter uma atitude crítica diante

dessa disciplina, enquanto um campo específico de saber” (Barbosa, 2005, p. 49). Além disso, a EF precisa se atentar para o fenômeno da ditadura do corpo que permeia nossa sociedade, até porque, não raro podemos encontrar no interior das escolas a existência dos preconceitos relacionados ao corpo. Diante de situações consideradas “comuns”, entendemos que os professores deveriam se perguntar sobre a função social da EF, refletindo se realmente os objetivos de trabalharem com as práticas corporais estão de fato atendendo às necessidades dos alunos.

Não se trata de dizer se o aluno é “gordo” ou “magro”, “forte” ou “fraco”, mas de contextualizar culturalmente esses padrões. A postura mais adequada do professor seria a de orientar o aluno sobre os problemas que podem advir da obesidade, ou do sedentarismo, mas também discutir sobre os “mitos” em torno da atividade física. E ainda tentar fazer com que cada aluno entenda a questão social do corpo e se sinta bem com o seu, cuidando deste e respeitando seus limites (Barbosa, 2005, p. 133).

Barbosa questiona se a EF cuida do corpo e o considera como uma propriedade, um bem material e imaterial (num mesmo espaço-tempo, aqui e agora, mas também antes e depois). Com isso, nos questionamos: o que é o cuidar do corpo? Seria cuidar do que é *korper* e *leib*? Seria cuidar de seus aspectos orgânicos e inorgânicos? Aumentar suas potencialidades seria uma forma de cuidando ou de exclusão? A qualidade de vida tem relação com o cuidar do corpo vivo ou do corpo morto? Enfim, podemos refletir algumas respostas acerca de tais questionamentos a partir dos autores citados. De início, nos parece que, ao pensar e falar sobre o que é o corpo, encontramos a persistência de um dualismo. Este traz consigo consequências para a EF e para a atuação profissional sobre os corpos vivos das pessoas de direito. Destarte, sublinhamos a carência do corpo em sua totalidade (resta tratar acerca do corpo biofilosófico, de modo mais preciso, trata-se de responder ao questionamento: quais seriam as consequências de ter a consciência de ser uma propriedade orgânica e inorgânica, material e imaterial ao mesmo tempo?).

Sentimos que ainda estamos distantes de uma noção biofilosófica de corpo na área da EF porque esta ciência simplesmente se retroalimenta de dualismos. Percorremos alguns caminhos já demarcados por diferentes autores, sobretudo de áreas diferentes, de notória formação acadêmica e atuação profissional para tentar compreender um conceito que aparentemente deveria ser simples e objetivo. De acordo com Gil (2002), a pesquisa bibliográfica se baseia majoritariamente em informações encontradas em produções bibliográficas disponíveis, principalmente as reconhecidas pela comunidade científica. Através

da leitura realizamos os procedimentos de pesquisa de acordo com o tema e os objetivos buscando encontrar informações por meio dos debates que trazem as fontes utilizadas. Ou seja, a revisão bibliográfica ou o estado da arte nos possibilitou basear os resultados da nossa pesquisa a partir da análise e verificação de dados coletados em artigos e livros acadêmicos. Realizamos, portanto, uma coleta de dados a partir de um levantamento bibliográfico que entra em contato com pesquisas já produzidas, nos levando, por fim, à construção de uma análise de dados a partir de uma abordagem quanti-qualitativa (Flick, 2013), que nos permitiu verificar e analisar a presença de um pensamento estruturado na ideia dos metacorpos de Dagognet (2012) nos campos da EF. Realizamos a busca pelo autor para verificar se e como ele aparece como referência nos periódicos da EF e o modo como sua concepção corporal (os metacorpos) pode aparecer nos dados referentes ao material onde o nosso autor não aparece. Tentamos elaborar uma discussão acerca do tema e da pesquisa realizada, compreendendo os referenciais teóricos presentes nos debates que aparecem e podemos identificar se os objetivos propostos na pesquisa foram atingidos e quais as dificuldades e possibilidades encontradas. Para selecionarmos os periódicos da Educação Física brasileira acessamos o sistema WebQualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) através da Plataforma Sucupira³ (acesso em 5 jan. 2023), onde utilizamos a classificação do Quadrênio 2017-2020. Em busca de uma ampliação, não delimitamos as classificações de estratos, ou seja, selecionamos revistas que havia disponíveis a acesso eletrônico nos estratos: B1, B2, B3 e B4, observando que não havia periódicos da EF brasileira com acesso eletrônico nas outras classificações de estratos (A1, A2, A3, A4, B5 e C). A partir disso, observamos uma grande quantidade de artigos nas revistas e delimitamos as publicações no período entre 2017 e 2022, e apenas textos que continham as palavras “corpo”, “corporal”, “corporalidade” e “corporeidade” no título, pois, observamos que não seria viável para a pesquisa irmos direto para Dagognet, por não aparecer como um autor da Educação Física especificamente. Em seguida, selecionamos os artigos que trazem temas sobre o corpo em diversos meios científicos (de origem biológica e filosófica) vinculados à EF. Realizando a análise apenas dos artigos que continham as palavras “Dagognet” ou “metacorpos” encontramos essas palavras-chave em partes quaisquer do texto sem servirem para estrutura-los. Apresentamos na forma de tabela as Revistas que foram identificadas e possíveis de serem acessadas eletronicamente, a sua classificação de estrato, seu *link* de acesso,

³<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>

Metacorpos ou uma biofilosofia proposta por François Dagognet: a propósito dos estudos sobre corpo na Educação Física Brasileira

Gisele Rosa Ribeiro; Nélío Borges Peres

o número de textos selecionados e número de textos analisados em cada periódico da EF brasileira.

Tabela 01: Periódicos Brasileiros de Educação Física identificados pelo estrato na Plataforma Sucupira (2017-2020) e o número de textos selecionados (2017-2022) e analisados em cada um deles

ISSN	Título	Estrato Qualis	Link da Revista	Nº de Textos Selecionados	Nº de Textos Analisados
1646-107X	Motricidade (Santa Maria da Feira)	B-1	https://revistas.rcaap.pt/motricidade	3	-
2594-6463	Motricidades: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana	B-1	https://motricidades.org/journal/index.php/journal	10	-
1980-6574	Motriz: Revista de Educação Física (Online)	B-1	https://www.scielo.br/j/motriz/	-	-
1982-8918	Movimento (UFRGS. Online)	B-1	https://seer.ufrgs.br/Movimento	29	1
2179-3255	Revista Brasileira de Ciências do Esporte (Online)	B-1	http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE	1	-
2359-2974	Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada	B-1	https://revistas.maria.unesp.br/index.php/sobama	3	-
2525-5916	Temas em Educação Física Escolar	B-1	https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/temasemedfisaescolar	10	-
2238-2259	ACTA Brasileira do Movimento Humano	B-2	http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/actabrasileira/index	10	-
2317-7136	Arquivos de Ciências do Esporte	B-2	https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/aces	7	-
1981-4313	Coleção Pesquisa em Educação Física	B-2	https://fontouraeditora.com.br/periodico/	19	-
0103-4111	Motrivivência (UFSC)	B-2	https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia	26	-
1415-4676	Pensar a Prática (UFG. Impresso)	B-2	https://revistas.ufg.br/index.php/fef	21	-
1982-8985	Recorde: Revista de História do Esporte	B-2	https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde	2	-
1413-3482	Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde	B-2	https://www.rbafs.org.br/RBAFS	4	-
0103-1716	Revista Brasileira de Ciência e Movimento	B-2	https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM	17	-
1981-4690	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	B-2	https://www.revistas.usp.br/rbefe	7	-

Metacorpos ou uma biofilosofia proposta por François Dagognet: a propósito dos estudos sobre corpo na Educação Física Brasileira

Gisele Rosa Ribeiro; Nélío Borges Peres

2675-1372	Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício (Online)	B-2	https://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/revistafisiologia/index	15	-
1983-7194	Revista Brasileira de Futebol	B-2	https://www.rbf.ufv.br/index.php/RBFutebol	2	-
1981-9900	Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício	B-2	rbpfex.com.br/index.php/rbpfex	61	-
1983-3083	Revista da Educação Física (UEM. Online)	B-2	https://www.scielo.br/j/refuem/	-	-
2526-1541	Revista Perspectiva: Ciência e Saúde	B-2	http://sys.facos.edu.br/ojs/index.php/perspectiva/index	1	-
1809-9556	Arquivos em Movimento	B-3	https://revistas.ufrj.br/index.php/am	7	-
2318-5090	Caderno de Educação Física e Esporte	B-3	https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica	13	-
1983-6643	Educação Física Em Revista (Brasília)	B-3	https://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr	5	-
1984-4298	Movimenta	B-3	https://www.revista.ueg.br/index.php/movimenta	6	-
1677-8510	Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício	B-3	https://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/revistafisiologia/index	16	-
2674-8681	Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada	B-3	https://revistas.mariia.unesp.br/index.php/sobama	3	-
2447-8946	Revista de Educação Física	B-3	https://www.revistadeeducacaofisica.com/current	9	-
2317-1790	Revista Saúde Física & Mental	B-3	https://revista.uniabru.edu.br/index.php/SFM	2	-
2595-0096	Arquivos Brasileiros de Educação Física	B-4	https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/abeducacaofisica/index	1	-
2183-511X	Desporto e Atividade Física Para Todos	B-4	https://fpdd.org/conhecer-mais-para-incluir-melhor/	1	-
2238-1546	Do Corpo: Ciências e Artes	B-4	http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/docorpo/index	1	-
2317-7357	Praxia - Revista Online de Educação Física da UEG	B-4	https://www.revista.ueg.br/index.php/praxia/index	4	-

Fonte: Elaboração Própria

A partir dos dados apresentados identificamos 33 periódicos da EF brasileira com acesso eletrônico, sendo 7 na classificação de Estrato Qualis B1; 14 em B2; 8 em B3; 4 em B4. Considerando o período de publicação dos artigos entre 2017 e 2022, em duas revistas não foram encontrados textos com as 4 palavras de critério para a seleção, sendo elas: *Revista da Educação Física* (UEM. Online) e *Motriz: Revista de Educação Física* (Online). No entanto, nas outras revistas foram encontrados e selecionados um total de 316 textos contendo a palavra “corpo”, “corporal”, “corporalidade” ou “corporeidade” no título. E dos textos encontrados e selecionados, ao realizarmos uma busca dentro de cada texto pelas palavras “Dagognet” e “metacorpo”, foi selecionado apenas um texto para a análise, no qual encontramos a palavra “Dagognet” apenas no corpo do texto de um artigo da revista *Movimento* (UFRGS. Online), publicado no ano de 2018. Nos demais 315 textos não encontramos as palavras de critério para a análise.

Ao analisarmos os dados coletados, encontramos apenas um texto que atendia todos os critérios: da seleção da revista, da seleção do artigo e da análise. Logo, analisamos o artigo intitulado: *Corpo, educação física e esporte: estudos franceses e brasileiros no período de 1970-1990*, publicado em jan./mar. de 2018 pela revista *Movimento* (UFRGS. Online) no volume 24 e número 1, no Município de Porto Alegre pelos autores: Terezinha Petrúcia da Nóbrega (Formada em Educação Física (1989) e Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1995) e Bernard Andrieu (historiador e filósofo francês do corpo).

Ao analisarmos o texto selecionado, pudemos identificar a palavra “corpo” em seu título e a palavra “Dagognet” no corpo do texto. O artigo traz uma análise documental a partir de teses, correspondências e entrevistas buscando a reflexão dos estudos brasileiros e franceses sobre a história e a filosofia do corpo no período de 1970 a 1990. Nóbrega e Andrieu (2018) compreendem que a relação entre a história e filosofia do corpo é uma “expressão epistemológica” na Educação Física (EF), com isso selecionaram autores pioneiros da área de EF, Filosofia e História para a realização da pesquisa. Os autores destacam entre os pioneiros dos estudos do corpo na França: André Rauch, Georges Vigarello e Michel Bernard; e no Brasil: Silvino Santin e Carmen Soares. Nóbrega e Andrieu (2018) apontam que os autores brasileiros selecionados como pioneiros são influenciados pelos autores franceses selecionados, e ambos trazem um olhar transversal do corpo como objeto de pesquisa. A partir deste olhar, compreendem o corpo como histórico, social, individual, coletivo e capaz de se transformar pelos aspectos culturais, de normatização e resistência. Além disso, destacam a existência de uma filosofia do corpo que ultrapassa o cartesianismo e une-se à história para a compreensão

do vivido e sobre o domínio do corpo. Por fim, concluem a necessidade de aprofundamentos no debate para a contribuição na epistemologia da área.

O artigo nos traz uma percepção de corpo que não se distancia tanto do que aponta Dagognet (2012), isso se dá pelo fato de que os autores franceses destacados no artigo realizam a mesma abordagem de François Dagognet (além do cartesianismo), partindo de referências semelhantes. Além disso, os autores destacam que Georges Vigarello é um dos autores selecionados como pioneiro nesta abordagem, e que mais tem contribuído para um olhar da filosofia e da história do corpo, e um dos mais traduzidos para a língua portuguesa (em suas produções). Nessa perspectiva, a aproximação com as percepções de Dagognet (2012) é compreensível tendo em vista que Vigarello teve como parte da banca examinadora de sua Tese a presença do próprio François Dagognet, que inclusive, é o único momento do texto em que os autores digitam a palavra “Dagognet”:

No tocante à história do corpo, destacam-se os trabalhos de Georges Vigarello. Após sua agregação em Filosofia, em 1977, ele defende uma tese sob a direção de Georges Snyders (1917-2011), intitulada *Le corps redressé, culture et pédagogie*. Ele obteve a menção honrosa da banca examinadora composta por Georges Snyders, Isambert Jamati, Michel Bernard, Georges Canguilhem, François Dagognet e Jacques Ulmann. Com essa tese ele opera um deslocamento da Filosofia, como André Rauch, no coração mesmo de uma história periodizada do corpo, à maneira de Michel Foucault. (Nóbrega; Andrieu, 2018, p. 309).

Tendo em vista a relação de François Dagognet e suas concepções com o artigo, podemos perceber que os autores trazem uma abordagem do corpo próxima ao que buscamos e fazem uma relação necessária com a Educação Física, porém, não utilizam François Dagognet ou a ideia de metacorpos como referencial teórico. Portanto, a partir dessa análise do artigo percebemos a ausência de François Dagognet e os metacorpos como referência para os textos e artigos da EF brasileira publicados nos anos de 2017 a 2022 nos periódicos selecionados.

Ao analisarmos a trajetória de François Dagognet identificamos que o filósofo tem como referência pensadores clássicos importantes para os estudos epistemológicos, nos chamando atenção para a problemática da EF: definição de corpo e sua dualidade persistente na história, no cotidiano e principalmente nas pesquisas científicas. A EF teve seu início com objetivos de exclusão do corpo, porém, atualmente temos referências de obras que podem ampliar nosso conhecimento e questionamento diante do que temos vivido dentro da realidade da área, as dificuldades de compreender a dimensão da EF e seu objeto de estudo.

Considerando a concepção de corpo de Dagognet (2012), percebemos que o corpo vive entre moldes culturais e que de forma exagerada pode excluir a si próprio, se confundindo com metacorpos ou mesmo mercadoria. Até aqui, nos foi possível fazer alguns questionamentos para a EF sem precisarmos exatamente se tais questionamentos servem para a Filosofia: a EF exclui o corpo? A EF valoriza os corpos ou os metacorpos? Qual o dever da EF com os corpos dos alunos?

O cuidado com o corpo se refere ao cuidar do que envelhece, adocece, enfraquece, não de forma a reprimi-lo e transformá-lo em metacorpos, mas de forma a aceitá-los como processos naturais que fazem parte da dinâmica corporal. É certo que alguns processos podem ser evitados objetivando a favorecer o bem-estar do ser humano, mas até que ponto os metacorpos tem esse objetivo: de promover a saúde e o bem-estar? Dagognet (2012), dirá que os metacorpos aparecem justamente por esse interesse exacerbado da exclusão do corpo, desde a antiguidade e que estamos em uma etapa na qual não sabemos lidar nem mesmo com nossos sentimentos.

A não percepção da existência de um corpo biofilosófico implica na persistência dos metacorpos como forma de mercantilização dos corpos, além de nos trazer um desconhecimento sobre nós mesmos. Nos vemos parte da tecnologia, ao ponto de termos sensações imaginárias com os metacorpos, o que nos distancia ainda mais da noção do corpo do outro. A definição de corpo se dá através do que aparece (a imagem) e não é apenas um aspecto inorgânico, mas sim um conjunto de aspectos sem divisões, onde o vivido se encontra no que se vê e sente. O corpo filosófico se encontra no biológico e o biológico se encontra no filosófico, até que deixem de ser duas perspectivas e não apenas se adicionem mas se misturem numa forma que podemos chamar de vida.

Para buscar uma compreensão da concepção de corpo na atualidade, o diálogo com Dagognet (2012) se torna necessário, justamente pela sua ausência na EF brasileira (pelo menos no período de 2017 a 2022). Por outro lado, podemos observar que existem outros autores como Williams (2018) que também nos permite algumas reflexões e olhares para a compreensão de um corpo biofilosófico. Ou seja, Dagognet (2012) não é visto como a única referência possível de se abordar para refletirmos as perspectivas apontadas, mas é uma das possibilidades e autores que se destaca devido ao seu percurso e forma de abordagem. Sendo assim, tendo em vista as reflexões até realizadas, é certo dizer que a Filosofia nos traz contribuições valiosas para o entendimento e aperfeiçoamento da área da Educação Física.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Claudio Luis de Alvarenga. **Educação Física e Filosofia**: a relação necessária. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.
- BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. O corpo: determinações sociais para as suas transformações biológicas. **Revista Panorâmica**. V.27. pag. 9-24, Jan-Jun, 2019.
- BAPTISTA, Tadeu J. R.; RESENDE, Anita C. A. Educação do corpo: produção e reprodução. **Revista Inter Ação**, 34(2). 465-484, 2009.
- BENTO, Elói Alberto. **Gaston Bachelard**: o lado nocturno do filósofo: estudo sobre a imaginação material e o devaneio poético. Mestrado em Filosofia da Educação. Faculdade de Letras da Universidade de Porto. Porto, 2010.
- BRITTO, Marly Bulcão Lassance. **O gozo do conhecimento e da imaginação**: François Dagognet diante da ciência e da arte contemporânea. Rio de Janeiro: MAUAD, 2010.
- COSTA, Abraão Lincoln. considerações nietzschianas sobre o corpo: uma perspectiva filosófica para além da metafísica e do fisicalismo. **Pólemos**. vol.3, n. 5. Brasília, jan-jul 2014.
- DAGOINET, François. **O Corpo**. Rio de Janeiro: Forense, 2012.
- DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1994.
- FLICK, Uwe. **Introdução à Metodologia de Pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2002.
- JAEGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma História do Corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Ed. Liana Levi, 2006.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. A Carta de Pero Vaz de Caminha. **Fundação Biblioteca Nacional**. Departamento Nacional do Livro, 2015.
- NÓBREGA, Terezinha Petrucia da; ANDRIEU, Bernard. Corpo, educação física e esporte: estudos franceses e brasileiros no período de 1970-1990. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 305-318, jan./mar. de 2018.

Metacorpos ou uma biofilosofia proposta por François Dagognet: a propósito dos estudos sobre corpo na Educação Física Brasileira

Gisele Rosa Ribeiro; Nélío Borges Peres

PINTO, Sergio Murillo Lima da Silva. **Freud**: da teoria psicanalítica à prática educacional. Dissertação: Instituto de Estudos Avançados em Educação. Departamento de Psicologia da Educação, 1987.

SALOMON, Christian. **Les métaphores du corps**: Introduction: Le corps, as représentation, ses métaphores. L'Harmattan, p. 15-22. 2004.

SAVIANI, Demerval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 5. Campinas: Ed. Autores Associados, 2007.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física**: Raízes Europeias e Brasil. 4. Campinas: Ed. Autores Associados, 1994.

WILLIAMS, Hugh Aldersey. **Anatomias**: uma história cultural do corpo humano. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

ZOBOLI, F. *et al.* O corpo enquanto objeto de estudo da Educação Física: Breves apontamentos. **Scientia Plena**. Vol. 9, n. 7, 2013.